

Um cheiro podre no ar de Brasília

Moradores do final da L2 Sul suportam há anos o odor fétido da usina de lixo. Desde dezembro não se faz compactação

Fredson Charlson
Da equipe do **Correio**

Restos de comida, carcaças de animais mortos, moscas, lixo orgânico por toda a parte, espalhado em uma área de centenas de metros quadrados no Distrito de Limpeza da Asa Sul (DLSul) — órgão do Sistema de Limpeza Urbana (SLU) na Avenida das Nações, entre as embaixadas do Iraque e da China. Um cheiro forte e azedo toma conta do lugar e incomoda os garis e varredores que têm contato direto com o lixo e trabalham sem máscaras, luvas e outros equipamentos de segurança.

Pior. Com o vento e o aumento dos dejetos, as fronteiras do mau cheiro são alargadas. Ele rapidamente chega às embaixadas, ao Lago Sul e até ao Guarã. Mas o odor característico de alimentos estragados e de cadáveres de animais em decomposição segue caminho e se apropria do próprio ar das últimas quadras da Asa Sul. Causa mal-estar, dores de cabeça, falta de apetite e ânsia de vômito nos moradores dos apartamentos. Sensações nem um pouco agradáveis.

Essa queda no nível de qualidade de vida dos moradores é atribuída — pelo próprio chefe da DLSul, Pedro Alves do Carmo, 42 anos — a um acúmulo e compactação do lixo no local desde o dia 10 de dezembro do ano passado. Ao invés do lixo orgânico ser recebido e enviado rapidamente para o aterro sanitário na Estrutural — que

já recebe, diretamente, o chamado lixo seco (papel, vidro, plástico), ele foi crescendo e se amontoando na DLSul. Não à toa, os moradores do final da Asa Sul perceberam logo a diferença. No olfato.

“Estamos com cerca de 150 mil toneladas de lixo acumuladas aqui”, assusta-se o próprio Pedro Alves do Carmo, o ‘Pedrinho’, motorista há 16 anos no SLU e promovido a chefe da espécie de “matriz” dos depósitos do órgão há uma semana. “Só posso pedir desculpas à comunidade por essa falha da diretoria anterior e prometer nosso empenho em resolver o problema o mais rápido possível”, garante Pedrinho, que sonha em vencer a batalha contra o lixo.

O novo chefe tenta resolver a situação com a utilização de 18 caçambas “24 horas no ar” e 34 funcionários tra-

balhando na retirada do lixo em turnos das 6h às 3h da manhã. Por mais que os funcionários se esforcem, a diferença nas montanhas de lixo não é facilmente percebida. Quanto mais lixo eles tiram, mais lixo parece existir. É que a coleta não pode parar, claro, e a quantidade de lixo que sai é pouco superior à quantidade do lixo que entra no depósito.

“Peço paciência porque a melhoria está chegando. Dentro de duas a três semanas teremos resolvido o problema e dado uma satisfação à sociedade que paga caro pela Taxa de Limpeza Urbana e IPTU”, pede o chefe do distrito, contrariado também com o que considera um

Fotos: Ronaldo de Oliveira



O mau cheiro da usina de lixo chega às embaixadas, à Asa Sul e até ao Guarã: 18 caçambas estão trabalhando ininterruptamente para diminuir a sujeira

“sucateamento” do SLU. “O órgão está sucateado de várias formas. Faltam as mínimas condições para o trabalho aqui. E é contra isso também que lutamos.”

DRAMA ANTIGO

Paciência que está se esgotando para muitos moradores da quadra 416 Sul, por exemplo. Acostumados com o cheiro do distrito há anos, eles agora chegam ao desespero e garantem que a situação tem piorado a cada dia. O cheiro, que era apenas ocasional, agora quase que se tornou um companheiro do dia-a-dia para as crianças, adultos e idosos da quadra.

“É horrível, um cheiro azedo que não tem tamanho. E que geralmente começa lá pelas cinco da tarde, e fica até de madrugada. É como se tivesse uma coisa podre dentro da sua casa”, reclama, “enojada”, a dona-de-casa Tatiana Galli Gardini, 57 anos, uma das primeiras moradoras da quadra, onde chegou há 34 anos.

Tatiana Gardini não vive sem desinfetantes e ventilador no apartamento 101 do bloco K. São eles que lhe asseguram um pouco de conforto e conseguem aliviar o mau cheiro. Quando recebe alguma visita em casa já avisa às pessoas que o cheiro ruim não está saindo dali, que tem outra

origem. É até capaz de levar as pessoas para a janela mostrar-lhes de onde vem o cheiro que incomoda muita gente. “O pior é quando venta na nossa direção. Aí, eu não agüento.”

O drama da dona-de-casa é antigo. Existe há anos. E é compartilhado por pessoas como o aposentado Salvador Figueiredo, 75 anos. “À noite, quando a gente deixa a janela do apartamento aberta, rapidamente recebe a visita dos mosquitos incômodos e ainda sente aquele aroma de cachorro morto que é uma beleza”, brinca com o próprio infortúnio o morador — há 30 anos — do apartamento 210 do bloco I.

Sentadas debaixo de um dos blocos da quadra — elas brincam em todos, sem preferência — as meninas Paola Vasconcelos, 12 anos, Heloísa Nunes, 12, Natália Teixeira, 10, e Marcella Alves, 10, também não acham graça na situação. “A nossa vida piora quando resolvem queimar o entulho. Além do fedor, vem a fumaça”, conta Paola, moradora do bloco Q. “É uma porcaria só. Quase como se fosse cheiro de carniça. A gente até perde a vontade de brincar”, lamenta a pequena Heloísa, moradora do bloco P.

Procurado, o diretor anterior do Serviço de Limpeza Urbana, Luciano Sales de Oliveira, não foi encontrado.



Moradora do bloco K da 416 Sul, Tatiana Gardini vive cercada de desinfetantes

MEMÓRIA

HISTÓRIA DE INCÊNDIOS E POLUIÇÃO

Não é de hoje que a usina de tratamento de lixo da Asa Sul — ou outras áreas do órgão — recebe reclamações dos moradores da cidade ou enfrenta problemas como o sucateamento dos equipamentos. Seja pelo cheiro do lixo acumulado no lugar, por incêndios irregulares — ou criminosos — ou

ainda por danos causados ao meio ambiente.

Em 10 de outubro de 1995, foram incendiadas 35 toneladas de plástico reciclável na usina de lixo da Asa Sul. O incêndio começou à 1h e os bombeiros só conseguiram apagá-lo às 3h quando o plástico havia sido reduzido a cinco toneladas. O gari Solon Oliveira de Souza, funcionário do Serviço de Limpeza Urbana (SLU), foi considerado suspeito. Os vigilantes do órgão o encontraram na usina. O incêndio causou um prejuízo de R\$ 1,8 mil para o SLU, que vende-

ria o plástico reciclável.

Quase um ano depois, em agosto de 1996, o lixo da DLSul pegou fogo e poluiu o ar da cidade. Para piorar, era período de seca. O incêndio espalhou uma nuvem de fumaça tóxica que passou das ruas e avenidas para o interior das casas no Lago Sul, Asa Sul e Setor de Embaixadas. Alertado por denúncias, o Instituto de Meio Ambiente (Iema) multou o SLU em R\$ 29.289,00. O órgão feriu a Lei 041/89 — Lei da Política Ambiental do Distrito Federal ao poluir a atmosfera com a queima de lixo a céu aberto.

Em janeiro do ano passado, outra denúncia envolvendo o órgão. Um canal da Usina de Tratamento de Lixo no P Sul, que atravessa uma propriedade particular — a chácara Bela Vista — estaria poluindo uma nascente. Com isso, uma fonte de água cristalina, plantações e uma família estavam ameaçadas. A barragem, construída para armazenar a água da fonte, foi condenada. A água empoçada irrigaria as plantações da chácara, mas ficou escura e se transformou em foco de doenças transmitidas por mosquitos. (FC)